

T W V L A



T W V L A

Re



D A N C E



LV - 2

Foto: Flávio Rodrigues

LV - 1



LV - 2



LV - 3



LV - 4



LV - 5

A linha DP *Lights* tem vantagens sobre as convencionais; são mais leves, e podem ser guardadas em pequeno espaço porque dobram facilmente. São as mais resistentes, bonitas e as únicas com garantia integral do fabricante.



Twyla Tharp

DANCE FOUNDATION 30 LAFAYETTE AVENUE, BROOKLYN, N.Y. 11217

1ª TOURNÉE LATINO AMERICANA MAIO 1984

Patrocínio

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DA AMERICA
Serviço de Divulgação e Relações Culturais dos EUA – USIS

Rio de Janeiro

TEATRO MUNICIPAL
dias 3, 4 e 5 às 21hs
dias 5 e 6 às 17hs
promoção do Consulado Geral dos Estados Unidos da America

Brasília

TEATRO NACIONAL – Sala Villa-Lobos
dias 8 e 9 às 21hs
promoção da Fundação Cultural do Distrito Federal e da Casa Thomas Jefferson

São Paulo

TEATRO MUNICIPAL
dias 11 e 12 às 21hs
dias 12 e 13 às 17hs
promoção do Consulado Geral dos Estados Unidos da America
dia 11 (estréia), espetáculo especial para
Sociedade de Cultura Artística e Associação Alumni

Planejamento e Coordenação Executiva da Tournée:

AULUS PROMOÇÕES LTDA.

15 anos de grandes espetáculos e concertos

Com Adonis Card ter o melhor da moda não é mais um drama.

Nem entrada,
nem saída, nem nada.
Você simplesmente
puxa do seu Adonis
Card, e dá início ao espe-
táculo. O melhor da moda
masculina, as etiquetas
exclusivas, as novas linhas



se apresentar
Você escolhe
leva, e deix
Adonis Card resolve
o pagamento depois, em
várias apresentações. Adoni
Card, o epílogo feliz que o
homens aplaudem de p

Você não paga entrada, e leva no ato.

Adonis

Centro (São José e Rio Branco), Copacabana, Ipanema,
Tijuca, Niterói, Rio Sul e BarraShopping

TWYLA THARP DANCE

apresenta

Twyla Tharp
Sara Rudner
Tom Rawe
Jennifer Way
Shelley Washington
Raymond Kurshals
Richard Colton
William Whitener
John Carrafa
Katie Glasner
Mary Ann Kellogg
Shelley Freydont
Keith Young
Amy Spencer
Barbara Hoon
Robert Radford
Kevin O'Day

produção desenhada:
Santo Loquasto

projetos de iluminação:
Jennifer Tipton

diretor de produção:
Douglas Gray

diretor de palco:
Steve Shelley

maitre de ballet
Terry Sparks



Nine Sinatra Songs

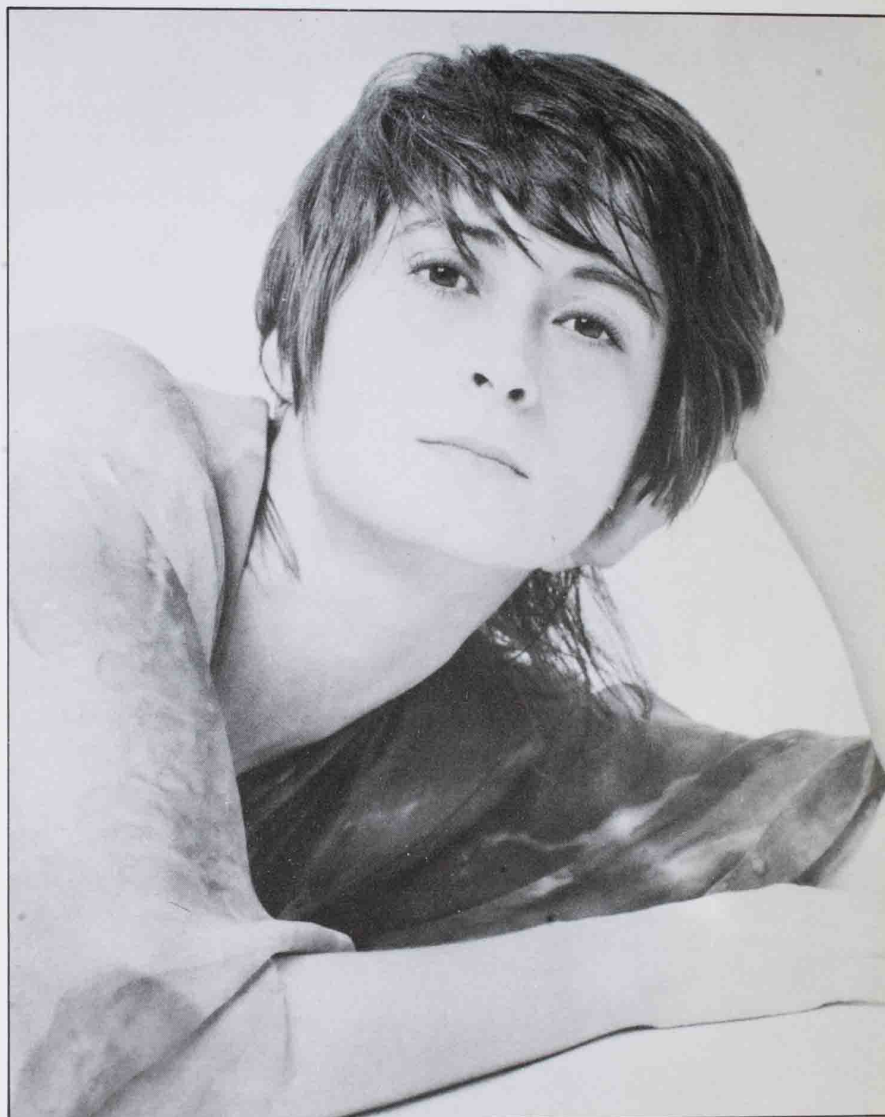
A COMPANHIA

TWYLA THARP

Diretora

Twyla Tharp estudou balé com Igor Schwezoff, Margaret Craske, Richard Thomas e Barbara Fallis, jazz com Eugene Lewis, e técnica moderna com Martha Graham, Alwin Nikolais, Eric Hawkins, Merce Cunningham e Paul Taylor. Twyla Tharp deu seu primeiro espetáculo TANK DIVE, no Hunter College em 1965. De 1965 para cá, ela continuou a produzir vários trabalhos para sua própria companhia, desde os primeiros trabalhos para palcos sem prosccênio, como MEDLEY (1969), DANCING IN THE STREETS OF LONDON AND PARIS, CONTINUED IN STOCKHOLM AND SOMETIMES MADRID (1969), até os atuais repertórios para palco para os 16 bailarinos da sua Companhia, agora instalada na Brooklin Academy of Music.

Em 1973, Twyla Tharp foi nomeada para fazer o seu primeiro projeto especial, DEUCE COUP, do Joffrey Ballet. Desde então, têm feito diversas produções especiais: AS TIMES GOES BY (1973) e HAPPILY EVER AFTER (1976) para o Joffrey Ballet; PUSH COMES TO SHOVE (1976) e ONCE UPON A TIME (1973) para Mikhail Baryshnikov e o American Ballet Theatre; AFTER ALL (1977) e THREE FANFARES (1980) para o patinador clássico, que recebeu medalha de ouro, John Curry; e DANCE IS A MAN'S SPORT, TOO (1980) para o New York City Ballet com Peter Martins e o astro do futebol americano, do Pittsburgh Steelers, Lynn Swann, que foi encenado na série "Omnibus", na ABC. Twyla Tharp também coreografou em 1978 o filme "Hair" de Milos Forman, no qual sua Companhia atuou como primeira atração, e reconstruiu danças da época para o filme "Amadeus" de Peter Shaffer, produção de Saul Zaentz. Seu primeiro especial para a televisão, MAKING TELEVISION DANCE, uma co-produção da Twyla Tharp Dance Foundation e a WNET/TV IAB, ganhou em 1980 o Chicago International Film Festival's Dance Film Award. CONFESSIONS OF A CORNER MAKER, dirigido por Twyla Tharp e produzido pela CBS Cable associada com



a Fundação, apresenta três obras do repertório da Companhia: BAKER'S DOZEN, SHORT STORIES e BACH DUET, e foi ao ar pela primeira vez em outubro de 1981. Outras peças do repertório da Companhia gravadas em tape são THE BIX PIECES (CBS Camera Three, 1973); SUE'S IEGS (WNET, Dance In America, 1976); e THE FUGUE e EIGHT JELLY ROLLS (London Weekend Television, 1974). Twyla Tharp recentemente completou uma antologia em videotape que é um álbum da sua carreira de 1965 até a atualidade, e THE CATHERINE WHEEL, que foi filmada como uma co-produção da Twyla Tharp Enterprises e a BBC. Na primavera de 1982,

Twyla Tharp apresentou-se com Andre Gregory, na sua peça para dois personagens, BONE SONGS. Twyla Tharp ganhou o Dance Magazine Award de 1981, e recebeu Honorary Doctorate Degrees em artes representativas do California Institute of the Arts (1978), Brown University (1981), Bard College (1981) e a Medal of Distinction do Barnard (1982).

Desde 1971 a Companhia tem-se apresentado através dos Estados Unidos e da Europa, e celebrou seu 15º aniversário produzindo-se na sua primeira temporada na Broadway, no Winter Garden Theatre, na primavera de 1980, seguida de uma temporada na Broadway, em 1981.

SARA RUDNER

Sara Rudner tem-se apresentado como convidada com o Twyla Tharp Dance desde 1977. Como membro da Companhia de 1965 a 1974, ela muito contribuiu para o seu trabalho e desenvolvimento, criando papéis em EIGHT JELLY ROLLS, THE BIX PIECES e trabalhos anteriores como GENERATION, TORELLI e DISPENSE. Atualmente é a Diretora Artística da Eighteenth Street Dance Foundation, e apresenta sua própria coreografia através dos Estados Unidos e da Europa. Seu trabalho também foi apresentado nos programas da Lar Lubovitch Dance Company e do Pilobus Dance Theatre. Sara Rudner é a detentora do John Simon Guggenheim Memorial Fellowship para 1981-1982.

TOM RAWE

Tom Rawe nasceu e foi criado em Alfred, New York. Ele fez os seus estudos na Interlochen Arts Academy, onde deu prosseguimento ao seu interesse inicial em dança e música. De lá ele partiu para a Julliard School e ganhou um B.S. em Business Engineering do Clarkson College of Technology e um M.A. em Dança na Ohio State University. Como um antigo membro da Companhia, Tom Rawe, que juntou-se à Twyla Tharp Dance em 1973, tem-se apresentado numa longa lista de projetos da Companhia, para palco, cinema e televisão.

JENIFFER WAY

Jeniffer Way foi convidada para unir-se à Twyla Tharp Dance em 1975. Desde então ela tem atuado em virtualmente todo o repertório ativo da Companhia, inclusive nos projetos para cinema e televisão. Ela também foi assistente de Twyla Tharp no ensaio de PUSH COMES TO SHOVE para o American Ballet Theatre. Nascida em Waverly, Ohio, Jeniffer Way começou seus estudos de dança com sua mãe, Jean Way, e com Duard Farquhar em Columbus. Mais tarde foi para a Butler University e recebeu seu B.F.A. em dança na Ohio State University.

SHELLEY WASHINGTON

Shelley Washington estudou com Twyla Tharp na Wolftrap Academy, na American University, antes de ser con-

vidada a juntar-se à Companhia em julho de 1975. Antes disto, ela dançou como membro da Martha Graham Dance Company e nas companhias de Walther Nicks, Hazuko Hirabayashi e Jose Limon. Graduada pela Interlochen Arts Academy Shelley Washington foi ainda treinada no American Dance Festival, Jacobs Pillow e na Julliard School. Ela no momento estuda balé em New York com Maggie Black.

RAYMOND KURSHALS

Raymond Kurshals nasceu em New York e foi criado no Havaí e Berkeley na Califórnia, antes de mudar-se para Ohio onde coreografou e atuou na Ohio State University. Antes de unir-se à Twyla Tharp Dance no outono de 1976, ele fazia o seu aprendizado com a Paul Taylor Dance Company, e atuou como membro da Merce Cunningham Dance Company. Além de seus diversos papéis com a Twyla Tharp Dance, ele foi assistente de Twyla Tharp em diversas produções de vídeo e televisão e apareceu nos filmes "Hair", "Ragtime" e "Amadeus".

RICHARD COLTON

Richard Colton, nascido em New York, graduou-se pela High School of Performing Arts e ainda cedo, recebeu treinamento com a American Ballet Theatre School e com a James Waring Dance Company. A carreira profissional de Richard Colton proporcionou-lhe a oportunidade de dançar um extenso repertório, tanto clássico quanto moderno. Ele foi membro de diversas companhias, inclusive o Joffrey Ballet, onde apareceu nas produções originais de DEUCE COUP, AS TIME GOES BY e HAPPILY EVER AFTER de Twyla Tharp. Ele juntou-se à Twyla Tharp Dance em 1977.

WILLIAM WHITENER

William Whitener começou a dançar com o Joffrey Ballet em 1969, continuando os seus estudos com Robert Joffrey em Seattle, Washington. Seu repertório incluía os papéis principais na TARANTELLA de George Balanchine, THE BIG CITY de Kurt Joos, e o papel título em PETROUCHKA. Também apresentou-se em todos os trabalhos de Twyla Tharp no Joffrey Ballet e em 1978, uniu-se ao Twyla Tharp Dance. Como coreógrafo, criou

balés para os dançarinos do Joffrey II, para Martine van Hamel, Ballet Hispanico e para o patinador John Curry, detentor de uma medalha de ouro olímpica. Recentemente serviu como assistente de Twyla Tharp em ONCE UPON A TIME para o American Ballet Theatre. Atualmente, estuda balé com Maggie Black.

JOHN CARRAFA

John Carrafa, quando criança, estudou sapateado e jazz em Waterbury, Connecticut, e teve o início do seu treinamento de balé no Hartford Ballet. Depois de ganhar um Bachelor Degree em Biologia no Bates College, estudou pantomina e representação com Tony Montanaro e Celebration Mime Theatre em South Paris, no Maine. Em seguida, coreografou e dançou como membro da Ram Island Dance Company até unir-se à Twyla Tharp Dance em 1978. Em 1980, John Carrafa tornou-se seu assistente na reconstrução de danças de época para o filme "Ragtime". Em New York, ele estuda balé com Maggie Black e representação com Seth Glassman.

KATIE GLASNER

Katie Glasner trabalhou com Twyla Tharp e a Companhia na versão cinematográfica de Hair, e atuou em EIGHT JELLY ROLLS, numa excursão da Companhia, antes de fazer parte da mesma, o que iria acontecer na primavera de 1979, quando recebeu convite para unir-se à Twyla Tharp Dance. Nascida em Appleton, em Wisconsin, Katie Glasner recebeu muito do seu treinamento na University of Wisconsin e no North Carolina School of Arts. Ela também estudou com Luigi, Richard Thomas, Finis Jhung e atualmente com Maggie Black.

MARY ANN KELLOGG

Mary Ann Kellogg, que começou a estudar balé aos 15 anos de idade, recebeu a maior parte do seu treinamento na costa oeste americana, inclusive com professores como Bella Lewitzky e Donald McKayle. Ela ganhou o título de Bachelor of Fine Arts em dança, do California Institute of the Arts e em seguida atuou como membro da Bella Lewitzky Dance Company e do Eyes Wide Open Dance Theatre. Foi convidada para juntar-se à Twyla Tharp Dance na primavera de 1979.

SHELLEY FREYDONT

Shelley Freydont começou a estudar balé, ainda criança, em Georgia. Ganhou o seu Bachelor of Fine Arts e o Master's Degree em dança na Universidade de Utah, e ensinou nas faculdades de dança da California State University em Fresno e no Chataqua Institute em Saratoga Springs, New York. Tendo sido previamente um membro do Ballet West e da Louis Falco Dance Company, ela uniu-se à Twyla Tharp Dance no outono de 1979. Ela é membro do Arts Board da Lexington School for the Deaf. Em 1983 ela reconstituiu danças de época e foi assistente de Twyla Tharp no filme "Amadeus". Seus estudos atuais de balé são com Maggie Black.

KEITH YOUNG

Keith Young foi criado em Ohio, aonde começou a dançar com a Judy Greg Dance Company e o Contemporary Dance Theatre of Cincinnati. Com a mudança para New York, começou a estudar por extensão com Merce Cunningham e com Viola Farber e Mel Wong, dois coreógrafos em cujas companhias atuou subseqüentemente. Foi convidado para unir-se à Twyla Tharp Dance no outono de 1980. Tem um Master's Degree in Art Education, e em Psicologia pela Miami University. Atualmente estuda balé com Jocelyn Lorenz e Cristine Bernal.

AMY SPENCER

Amy Spencer juntou-se à Companhia na primavera de 1981. Ela recebeu seu primeiro treinamento de balé no Princeton Ballet Society, aonde também atuou por muitos anos. Depois de mudar-se para New York, em 1976, fez aprimoramento com Sara Rudner e foi dançar na companhia de Miss Rudner por três temporadas. An-

tes de unir-se à Twyla Tharp Dance, trabalhou com Lucinda Childs por algum tempo. Trabalhou para o Lincoln Center Institute como professora de arte nas escolas públicas da cidade de New York. Atualmente estuda balé com Cristina Bernal e Jocelyn Lorenza.

BARBARA HOON

Barbara Hoon uniu-se à Companhia na primavera de 1981. Ela fez seu primeiro aprendizado no Garden State Ballet de New Jersey, e em continuação foi estudar na Julliard School, na qual graduou-se. Como membro da Julliard Dance Ensemble teve a oportunidade de interpretar numerosas obras de notáveis coreógrafos, tais como Anna Sokolow, Jose Limon e Martha Graham. Atualmente estuda balé com Christina Bernal.

ROBERT RADFORD

Robert Radford cresceu na região nordeste da costa do Pacífico, e foi aí que recebeu seu primeiro aprendizado em improvisação teatral e pantomina, com Julie Anderson. Foi em Seattle, no estado de Washington, que começou formalmente a treinar dança, no Cornish Institute of Allied Arts. Em 1979, transferiu-se para a North Carolina School of the Arts, onde estudou com Duncan Noble, Ghyula Pandi e Bill de Young. Atuou por dois anos como membro do Kansas City Ballet sob a direção de Todd Bolender, Una Kai e Jonathan Watts. Foi convidado a unir-se à Twyla Tharp Dance no outono de 1983, em seguida à sua participação em um aprimoramento da própria Companhia em Lake Placid, New York, durante o verão daquele ano.

KEVIN O'DAY

Kevin O'Day começou a dançar enquanto ainda estava na High School em Michigan. Sendo um talentoso trompetista, escolheu seguir profissio-

nalmente a carreira de dançarino, depois de ser convidado para estudar, com bolsa, no Joffrey's American Ballet Center em New York. Em continuação ao seu treinamento no colégio e suas primeiras experiências como membro da Joffrey II Company, foi convidado para unir-se ao Joffrey Ballet, onde dançou uma infinidade de papéis. Juntou-se ao Twyla Tharp Dance no inverno de 1984. Atualmente estuda balé em New York, com Maggie Black.

SANTO LOQUASTO

Santo Loquasto foi aplaudido por seus projetos para produções, dentro e fora da Broadway, incluindo "Bent", "The Cherry Orchard", "American Buffalo", e "That Championship Season". Recebeu os prêmios Tony, Drama Desk, Joseph Maharam, Obie e Outer Critics Circle. Como um projetista para a dança, trabalhou para o American Ballet Theatre, o Joffrey Ballet e o New York City Ballet. Mais recentemente, projetou cenários e vestuários para a produção da "ABT" de "Cinderela". Seu trabalho no cinema inclui os figurinos para os filmes de Woody Allen, "Stardust" Memories", "A Midsummer Night's Sex Comedy" e "Zelig". Graduou-se no King's College e na Yale Drama School.

JENNIFER TIPTON

Jennifer Tipton, projetista de iluminação, é muito conhecida tanto no mundo da dança quanto pelo público. Ela iluminou o trabalho dos repertórios da maior parte das grandes companhias, incluindo danças de Jerome Robbins, Mikhail Baryshnikov e Paul Taylor, entre outros. Seu trabalho no teatro deu-lhe além do prêmio Joseph Jefferson, em Chicago, um Drama Desk Award, um Obie e um Tony. Em 1982, ela foi homenageada pela Brandeis University, recebendo a Creative Arts Award Medal in Dance. Ela ensina iluminação na School of Drama em Yale.

PROGRAMA 1

SUE'S LEG

Dançado ao som da música de Fats Waller, SUE'S LEG foi concebido na cidade de New York, de 5 de novembro até 20 de dezembro de 1974. É dedicado à Suzanne Weil.

Estréia: Fevereiro de 1975 em St. Paul, Minnesota

Coreografia: Twyla Tharp
Figurinos: Santo Loquasto
Iluminação: Jennifer Tipton

Please Take Me Out Of Jail, gravada em 1927
Washington, Rawe, Way, Young

I Can't Give You Anything But Love (Mc Hugh), gravada em 1939
Washington, Rawe, Way, Young

I Can't Give You Anything But Love (McHug) gravada em 1939
Washington.

Fat And Greasy, Gravada em 1939
Rawe, Way, Young

Tea For Two (Youmans), gravada em 1939
Rawe, Way, Young

Ain't Misbehavin' (Waller), gravada em 1940
Washington

I'm Livin In A Great Big Way (McHugh), gravada em 1935
Rawe com Washington, Way, Young

In The Gloamin' (Harrison), gravada em 1938
Washington, Rawe, Way, Young

I've Got My Fingers Crossed (McHugh), gravada em 1935
Washington, Rawe, Way, Young

INTERVALO

TELEMANN

Concerto em Mi Maior para flauta, oboé d'amore e violino, de Georg Philipp Telemann

Coreografia: Twyla Tharp
Figurinos: Santo Loquasto
Iluminação: Jennifer Tipton

Whitener, Freydon
Colton, Kellogg
Radford, Hoon

INTERVALO

NINE SINATRA SONGS

Executada com a música de Frank Sinatra

Estréia: Outubro de 1982 em Vancouver, Columbia Britânica

Coreografia: Twyla Tharp

Figurinos: Oscar de la Renta

Iluminação: Jennifer Tipton

Softly As I Leave You (Calabrese, Devita, Shaper)

Washington e Young

Strangers In The Night (Kaempfert, Singleton, Snyder)

Glasner e O'Day

One For May Baby (And One More For The Road) (H. Arien, J. Mercer)

Kellog e Carrafa

May Way (Anka, Françoise, Revaux, Thibault), gravada em 1974

Washington, Young, Glasner, O'Day, Kellogg, Carrafa

Something Stupid com Nancy Sinatra (C. Carson Parks)

Hoon e Colton

All The Way (J. Van Heusen – S. Cahn)

Spencer e Kurshals

Forget Domani (Newell – Ortoloni)

Way e Whitener

That's Life (D. Kay – K. Gordon)

Freydont e Rawe

May Way (Anka, François, Revaux, Thibault), gravada em 1972 Hoon, Colton; Spencer, Kurshals; Way, Whitener

Freydont, Rawe; Washington, Young; Glasner, O'Day; Kellogg, Carrafa

NINE SINATRA SONGS foram realizadas graças a uma subvenção parcial do "New York Council on the Arts" e do "National Endowment for the Arts".

A complementação do orçamento de produção foi recebida junto à Ida e William Rosenthal Foundation.



PROGRAMA 2

EIGHT JELLY ROLLS

Estréia: Janeiro de 1971 no Oberlin College, em Ohio

Coreografia: Twyla Tharp

Figurinos: Kermit Love

Iluminação: Jennifer Tipton

Boogaboo (Jelly Roll Morton)

Glasner com Washington, Way

Shreveport Stomp (Jelly Roll Morton)

Way, Glasner

Mournful Serenade (Jelly Roll Morton)

Way

Black Bottom Stomp (Jelly Roll Morton)

Washington, Way, Glasner

Smoke House Blues (Charles Luke, arranjo de Jelly Roll Morton)

Washington com Way, Glasner, Kellogg, Freydont, Hoon, Spencer

Strokin' Away (Jelly Roll Morton)

Washington, Way, Glasner, Kellogg, Freydont, Hoon, Spencer

Blue Blood Blues (Jelly Roll Morton)

Glasner com Washington, Way, Kellogg, Freydont, Hoon, Spencer

If Someone Would Love Me (Jelly Roll Morton)

Washington, Way, Glasner, Kellogg, Freydont, Hoon, Spencer



INTERVALO

THE FUGUE

Estréia: Agosto de 1970 em Boston, Massachusetts

Coreografia: Twyla Tharp
Figurinos: William Ivy Long
Iluminação: Jennifer Tipton

Kurshals, Whitener, Carrafa, Rawe, Colton, Young



INTERVALO

BAKER'S DOZEN

Estréia: Fevereiro de 1979 em Brooklin, New York

Coreografia: Twyla Tharp
Figurino: Santo Loquasto
Iluminação: Jennifer Tipton
Música: Composta por Willie "The Lion" Smith

Rawe, Glasner; Young, Way; Carrafa, Washington; Whitener, Freydon; Kurshals, Kellogg; Colton, Hoon

Echoes of Spring
Tango à la Caprice
Concentrating
Relaxing



BROADWAY COMO FRONTEIRA

Marcia B. Siegel

O mundo da dança em New York vê Twyla Tharp com sentimentos opostos. Teria sido mais fácil reconhecer o seu gênio há quinze anos atrás, quando ela era considerada uma vil iconoclasta, do que agora, quando produz temporadas de sucesso na Broadway e shows populares na televisão. A dança americana, talvez em defesa da sua relativamente recente ascensão à Cultura, gosta de pensar em si mesma como arte maior. De qualquer jeito, um artista "sério" de balé ou de dança moderna, arrisca-se a comprometer o seu talento se tentar apelar para a audiência das massas.

Tharp coreografa onde quer que encontre um desafio — televisão, patinação no gelo, cinema, Broadway — trabalhando com tanta seriedade em um meio comercial quanto num palco de teatro. Ela abala as nossas convicções, adaptando o seu próprio gênero de um meio para outro. Quando suas danças foram editadas para a versão cinematográfica de "Hair", ela prontamente mostrou-as como peças de concerto para sua própria companhia. Ela transformou tomadas de cenas de um exclusivo dueto de gala com Mikhail Baryshnikov (ao som de discos de Frank Sinatra) em uma seqüência de ensaios em estúdio para um espetáculo notável chamado "Making Television Dance". Ela reforma e atualiza constantemente os seus balés, não para torná-los tendenciosos, mas para mantê-los jornalisticamente verdadeiros.

Sua perícia em permutar os diversos gêneros faz de Twyla Tharp, não tanto uma artista pop, mas uma espécie de excepcional primitiva. Ela usa uma linguagem de movimento altamente desenvolvida e um espírito superior de composição, mas ainda assim ela não se afasta das formas mais acessíveis de cultura. Ela não reconhece jazz, rock ou jogging apenas como fontes em potencial para a sua dança, e não os usa com menos escrúpulo do que a um cânone musical ou às sapatilhas de ponta. Seu trabalho nos espanta por ser ao mesmo tempo tão familiar e tão profundo.

O artista americano com quem ela mais se parece é o compositor do início do século XX, Charles Ives, cujo pai, que fora maestro de banda na Guerra Civil, advertia que a música es-

tá em toda a parte ao nosso redor, apesar de muitas vezes não ser refinada, ou nem mesmo afinada. Como Ives, Twyla Tharp incorporou o vernáculo a composições sérias, e também como Ives, ela quer que todo tipo de gente seja exposta ao seu trabalho, e não apenas os privilegiados ou educados.



Muitos coreógrafos dizem o mesmo, mas nenhum levou a popularização tão longe quanto Tharp. Todos eles atingem um ponto irremovível, além do qual deixam de sentir-se artistas. Tharp ainda não alcançou este ponto, talvez por ela encarar cada trabalho novo como uma oportunidade de fazer alguma coisa nova com a dança.

Ela foi uma das primeiras dançarinas a interessar-se pela televisão, e dedica uma crescente quantidade da sua energia criativa para fazer trabalhos para o vídeo, originais, bem como transcrições de suas peças de teatro. Ela diz: "O palco é bastante aborrecido. Há possibilidades infinitamente maiores para fazer-se movimento na televisão. Você tem uma série enorme de ângulos que não existem no palco, onde você só tem uma caixa vazia e luzes. Eu costumava coreografar danças para uma só poltrona, que era a minha, no meio de uma orquestra. Hoje em dia faço para diferentes poltronas, e as diversas partes da peça devem ser vistas de diferentes poltronas — e nenhum teatro terá capacidade para todas estas poltronas. A televisão terá."

Tharp é uma classicista. O que a interessa é a forma, como fazer o vocabulário significar coisas diferentes ao apresentá-lo em modelos diferentes, virando-o em novas direções. Muitas vezes esta procura leva-a para território selvagem e misterioso. Suas danças não acompanham uma seqüência, etapas

graduais para satisfação de conclusões já definidas. Elas não se mostram organizadas aos nossos olhos, não deixam pistas de um modo comum. Mas mesmo a mais casual delas explora algum aspecto de dança, de ritmo, de tempo, de escala, foco, intensidade e estilo.

Habitualmente o que a preocupa é a relação entre a dança e o modo como as pessoas se comportam sob certas influências. Estas motivações podem ser tão abstratas quanto a necessidade de ligar todos os movimentos (The Bix Pieces) ou dançar solos muito longos e sem paradas (Brhams' Paganini). Elas podem ser tão potencialmente dramáticas quanto uma constante mudança de pares (Short Stories) ou o relacionamento de três homens envolvidos em um jogo demoníaco e antagônico (The Fugue). Elas até podem ser bastante específicas e terem uma moral, como em "The Catherine Wheel", o longo, incansável e complexo trabalho sobre rock que ela fez para sua temporada na Broadway, no qual um grupo de personagens alegóricos são corrompidos por suas ambições.



Tharp é profundamente influenciada pela música, e as suas danças de jazz no começo dos anos 70 eram as primeiras a cativar o público. Apesar dela poder escolher, numa decisão, do tango ao simples dois passos (Baker's Dozen), ela raramente imita as danças sociais que acompanhariam estas músicas. Em vez disto, ela encontra o fio interior de energia da música e faz a dança a este respeito: a suavidade de Bix Beiderbecke, a elegante bravata de Fats Waller ou a liberdade de tempo de Willie "The Lion" Smith dentro de um ritmo marcante e regular. Sua dança parece contemporânea porque é construída sobre energias contemporâneas,

e com estas ela pode capturar igualmente a graça de Mozart, ou a expansividade colorida de Brahms.

Sendo eclética, Tharp utiliza-se de toda a gama de danças precedentes, mas não se sente muito reverente ou nostálgica sobre o passado. Ela está acima de tudo envolvida com o presente e suas possibilidades. Quando frente às convenções, sociais ou do balé, ela recusa-se a notar suas assustadoras reputações. Os guardiães da cultura ficam revoltados quando ela faz um balé com rock e sapatilhas de ponta (Deuce Coup) ou burla o comportamento competitivo das grandes companhias de balé (Push Comes to Shove).

Num certo sentido, Tharp não está preocupada com uma aura especial, a arte das artes, o que aborrece tanto aos tradicionalistas quanto aos mantenedo-

res da vanguarda. Tudo na sua dança anuncia o seu vínculo com o tempo presente, seu vínculo conosco, muito mais do que o seu isolamento em alguma esfera esotérica de modernismo. Quando ela faz uma dança sobre troca de esposas (Short Stories) ou sobre a diferença entre a reverência e a queda (Assorted Quartets), nós pensamos: "Movimentos do cotidiano, arte não". Mas em realidade é no espaço entre o mundano e o misterioso que sua arte tem lugar.

Um dançarino da companhia de Tharp pode ser simultaneamente hábil e desajeitado, corajoso e acidental, pode saltar e pular como um anjo num momento, para estar estirado no chão ou chocando-se com alguém no outro. A surpresa do movimento é a essência da sua dança, mas existe mais

do que isto. A segurança que tudo — velho e novo, harmonia e anarquia, violência e sensualidade e espírito — pode ser mantido dentro de algum sistema universal como contraponto, ritmo, tema e variações, confere à sua dança possibilidades mais satisfatórias do que nosso prazer imediato. O prazer pode sumir, mas a idéia dura mais tempo.

Marcia B. Siegel é crítica de dança do Soho News e da Hudson Review em New York. Ela é autora de dois livros, coletâneas de críticas de dança, e de um estudo da coreografia americana, "The Shapes of Change".



CRÍTICAS À ÚLTIMA TEMPORADA EM NOVA YORK (Brooklyn Academy Opera House – janeiro/fevereiro de 1984)

NEW YORK POST 31/01/84

THARP RADIANTE E DELICIOSA

... “Não percam — a renovação não está somente no ar — está lá no palco.”

Clive Barnes

TIME

THARP SAI DA COXIA SEU NOVO BALÉ MOSTRA UM ENORME DOMÍNIO DE HABILIDADE DE COREOGRÁFICA.

... “De agora em diante ela deve ser reconhecida como uma grande coreógrafa; em realidade, já pode ser dito que este é o ano de Twyla Tharp. Sua companhia, agora na Broocklin Academy of Music, começou uma tournée nacional, tendo como atração três dos seus clássicos de jazz (EIGHT JELLY ROLLS, SUE'S LEGS, BAKER'S DOZEN) e algumas peças novas e provocativas que fogem da nostalgia americana, que é a sua especialidade.

... “NINE SINATRA SONGS é da safra de Tharp, encharcada do sentimentalismo dos anos 40, mas tão bem feita, com cada marcação tão radiantemente realizada, que não será possível rotulá-la facilmente.

... “NINE SINATRA SONGS é um trabalho amplo, todo sol, coração, que o público adora.”

Martha Duffy

NEWSWEEK 13/02/84

TWYLA THARP FAZ A SEU MODO

... “Em NINE SINATRA SONGS tudo é beleza: uma bola espelhada brilha no alto, sete mulheres usam um arco-íris em vestidos de Oscar de la Renta, maravilhosamente fluidos, e os homens elegantes trajados de noite. E aquela música — a seleção dos maiores êxitos de Frank Sinatra. Tharp encontrou a doçura e a sexualidade nas canções de Sinatra, e a sua dança faísca com o amor.”

Lois Draegin

THE NEW YORKER 13/02/84

... “NINE SINATRA SONGS atinge o público muito fundo — ele mal consegue permanecer parado. Quase todos os números são seguidos de suspiros e risinhos, ao verem estes velhos álbuns de família desenterrados e jogados à sua frente. Mesmo que você não tenha crescido com as canções, as múltiplas emoções a que elas induzem vão mexer com você.

... “Twyla Tharp brinca com a sensibilidade da platéia, mas não abusa da sua superioridade.”

Arlene Croce

THE VILLAGE VOICE 14/02/84

... “Os dançarinos de Twyla Tharp são puro ouro. Com o cérebro na ponta dos dedos e o coração na cabeça. Na sua coreografia, eles apresentam a imagem de pessoas as mais elegantes, sensíveis e vitais que você possa querer conhecer, sem nenhuma afetação ou estratégias exibicionistas.

... Twyla Tharp deixa uma porção de artistas contemporâneos para trás.”

Deborah Jowitt

WOMEN'S WEAR DAILY 26/01/84

THARP: ELA FAZ A SEU MODO

... “Em TELEMANN, Tharp fez duas seções basicamente simétricas, flanqueando um adágio basicamente assimétrico, e usou o vocabulário acadêmico do balé para marcar um ponto sobre a pureza de expressão e o classicismo de estilo.”

Joseph H. Mazo

THE NEW YORK TIMES 19/02/84

OPINIÃO SOBRE A DANÇA

“Twyla Tharp é a única coreógrafa da atualidade que dedicou-se à cultura jovem, com resultados espetaculares. Este sucesso indiscutível, óbvio na sua temporada da Brooklin Academy of Music, tem muito a ver com a sua identificação com esta cultura e suas ambições.”

Anna Kisselgoff

NEWS DAY 30/01/84

“Foi ótimo BAKER'S DOZEN estar no programa. . . O vestuário branco, movimentos suaves e alegres, ao som do piano de Willie “The Lion” Smith, faz a peça mover-se suavemente, de piruetas acrobáticas a pulos e saltos alados. E o mesmo fazem os dançarinos, num outro exemplo de alcance e profundidade da troupe de Twyla Tharp.”

Janice Berman

DAILY NEWS

AS DELICIOSAS “SINATRA SONGS” DE TWYLA THARP

... “NINE SINATRA SONGS, de Twyla Tharp, são um choque, um êxito desenfreado, um raio luminoso encantador. E quem o teria imaginado? Mesmo com Twyla Tharp, sagaz e imprevisível na direção, como poderia um punhado de baladas cansadas do “old blue eyes” transformar-se numa seqüência de danças com a lâmina tão afiada?”

Rob Baker

NEW YORK 13/02/84

ROMANCE E OUTRAS AGITAÇÕES

... “Depois de NINE SINATRA SONGS, um entretenimento soberbo, Twyla Tharp deu-nos FAIT ACCOMPLI — depravado, triste, tão forte quanto possível.

... Quando os pares voltaram para bisar “My Way”, a platéia, nas duas noites em que lá estive, estava fora de si de alegria. E é compreensível. Quantas vezes podemos ver um espetáculo soberbo, que é o produto de uma inteligência aguda e atrevida.

... “TELEMANN é um balé branco, tão puro e branco em seus movimentos quando em suas vestes.

... “A dança por eles executada é tão leve e delicada quanto a visão volátil e altamente formal de sua estrutura. No meio da peça, Tharp redescobre a simetria, e a declara uma virtude singular para os nossos tempos fortuitos.”

Tobi Tobias



Uncle Edgar Dyed His Hair Red



The Fugue

Twyla Tharp

DANCE FOUNDATION 30 LAFAYETTE AVENUE, BROOKLYN, N.Y. 11217

Twyla Tharp	Diretor Artístico
Steve Denin	Diretor Executivo
Roddy O'Connor	Administração Geral
Barbara Price	Administração de Negócios
Linda Shelton	Administração da Companhia
Sharon Trakas	Assessoria de Desenvolvimento
Zoe Rygh	Assessoria de Administração
Artyann Coleman	Secretaria
Annemarie Hollander	Supervisora de Vestuário

Conselho Diretor

Arthur Levitt Jr.	Presidente	Kermit Love
Robert F. Shapiro	Presidente	Robert Patino
Patricia Glazer		Paul Simon
Julia Thorne Kerry		Martin Stone
Lewis L. Lloyd		Twyla Tharp
Ann R. Leven		Suzanne Weil

A TWYLA THARP DANCE FOUNDATION Inc. agradece as doações e o apoio recebido do National Edowment for the Arts e o New York Council on the Arts, outras instituições ou fundações públicas e privadas, patronos, patrocinadores e amigos, que possibilitam sua existência, produções, e apresentações.

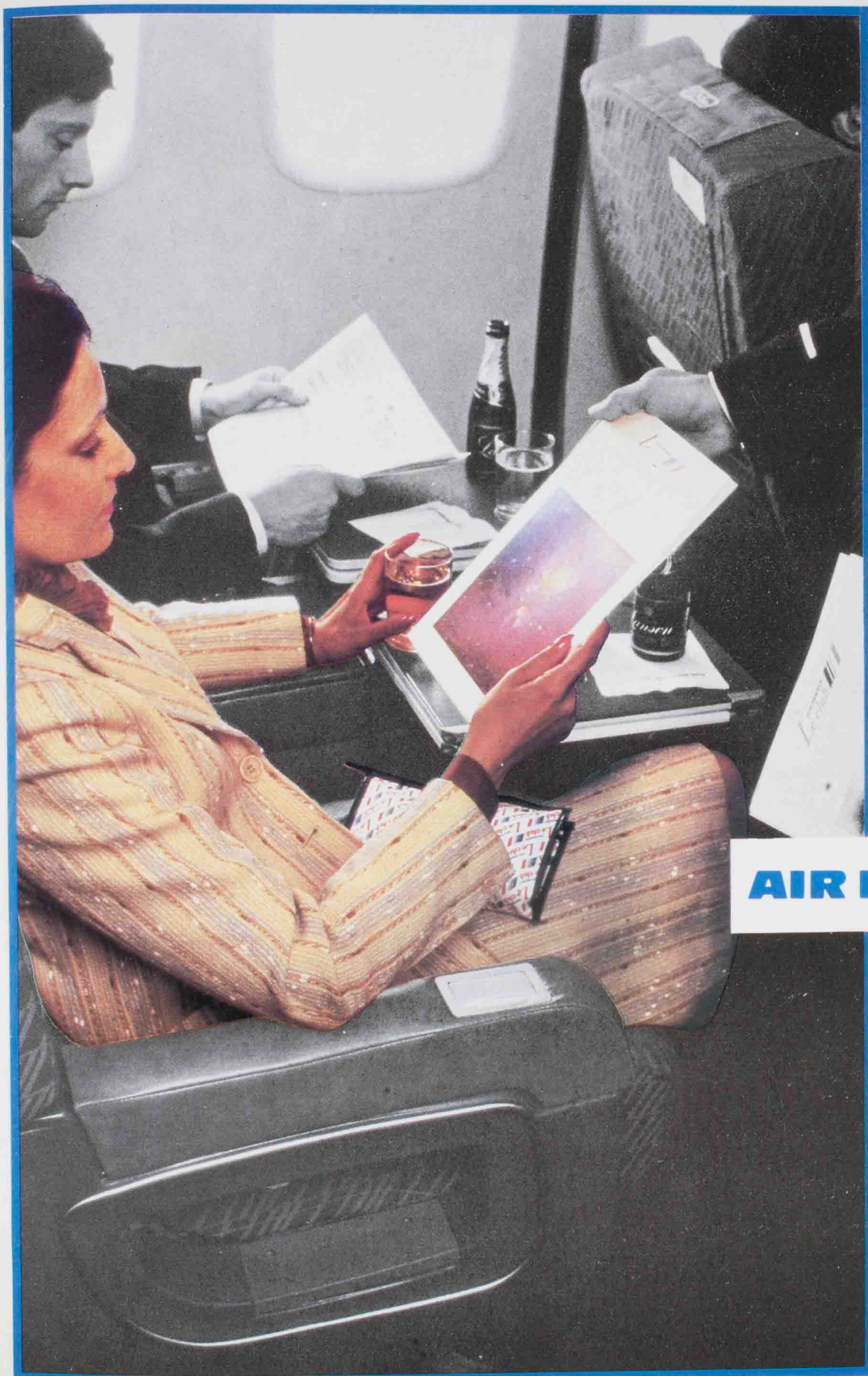
PROGRAMA I

Rio de Janeiro dias 3, quinta-feira às 21hs e 5, Sábado às 17 e 21 hs
Brasília dia 8, terça-feira às 21 hs
São Paulo dias 11, sexta-feira às 21 hs e 13, domingo, às 17hs

PROGRAMA II

Rio de Janeiro dias 4, sexta-feira às 21hs e 6, domingo, às 17hs
Brasília dia 9, quarta-feira às 21hs
São Paulo dia 12, sábado às 17 e 21 hs

AIR FRANCE LE CLUB: NOVA CLASSE, NOVO ESTILO.



Air France oferece a bordo de seus jatos Jumbo Boeing-747 uma nova classe, um novo estilo de viajar: Air France Le Club.

Numa cabine especial, com corredores mais largos e maior espaço entre as confortáveis poltronas com apoio para os pés e dispostas em fileiras de oito (2-4-2), você desfruta de um ambiente de tranquilidade e conforto.

Você é recebido na Air France Le Club com uma taça de "champagne" de boas-vindas.

Você recebe um atendimento personalizado que lhe oferece, além de uma refeição de alta qualidade, acompanhada de sua bebida preferida, numerosas outras atenções graciosas, como fones eletromagnéticos para o programa musical e o filme, drinques e aperitivos servidos na biblioteca-bar ou em sua própria poltrona, jornais e revistas, estojo individual contendo diversos artigos para seu conforto. Tudo isso contribui para que sua viagem transcorra num ambiente gostoso e tranquilo.

No momento da sua reserva, você já pode escolher sua poltrona no setor "fumante" ou "não fumante".

No aeroporto você é atendido num balcão exclusivo.

A nova classe Air France Le Club é um privilégio que realmente faz a diferença.

BON VOYAGE!

AIR FRANCE

O Bamerindus abriu para os seus clientes um banco que não fecha nunca.

Em São Paulo, Rio de Janeiro, Niterói e Curitiba, os clientes Bamerindus têm agora um novo banco, aberto 24 horas por dia.

Mais simples e mais rápido do que os bancos comuns, o Banco 24 Horas elimina filas e limitações de horário. Você pode depositar em conta corrente ou na Poupança Bamerindus, retirar dinheiro, fazer transferências, pagar as contas de água, luz, telefone, etc.

Seja cliente do Bamerindus e utilize os serviços do Banco 24 Horas. Bons negócios. Toda hora, todo dia.



Bamerindus

Banco 24 Horas Banco 24 Horas Banco 24 Horas Banco 24 Horas Banco 24 Horas Banco 24 Horas